

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DAYANE DOS SANTOS TEIXEIRA**

**A ESCOLA SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA**

**Aracaju – SE  
2021**

**DAYANE DOS SANTOS TEIXEIRA**

**A ESCOLA SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA**

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Áurea Machado de Aragão.

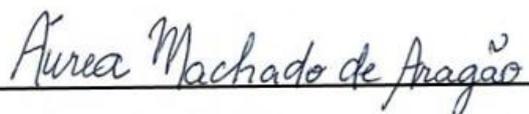
## A ESCOLA SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.



---

**Coordenador do Curso: Prof. Esp. Williams dos Santos**



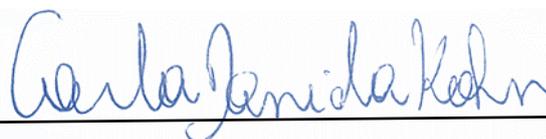
---

**Orientadora: Prof.ª Dr.ª Áurea Machado de Aragão**



---

**Avaliadora: Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora Santos**



---

**Avaliadora: Prof.ª Ma. Carla Daniela Kohn**

**Avaliação Final: 9,5**

**Aprovada em: Aracaju, 15 de maio de 2021.**

# A ESCOLA SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA

Dayane dos Santos Teixeira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como **objetivo analisar as concepções da pedagogia proletária, através das propostas de diversos teóricos que contribuíram para a educação.** Destaca o papel escolar na sociedade, a prática capitalista na relação social de exploração e os aspectos de uma pedagogia concreta. Também evidencia que a educação proletária e a mudança social compreendem a educação igualitária para todos, sem distinção de classes. Para tal, utilizou-se o método comparativo e quanto aos objetivos, as pesquisas exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. Os resultados atribuem ao rompimento com os ideais da sociedade capitalista, o ensino transformador que proporciona a educação concreta.

**Palavras-chave:** Capitalismo. Educação. Escola. Sociedade.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the conceptions of proletarian pedagogy, through the proposals of several theorists who contributed to education. It highlights the school role in society, the capitalist practice in the social relationship of exploitation and the aspects of a concrete pedagogy. It also highlights the fact that proletarian education and social change include equal education for all, regardless of class. For this, it was used the comparative method and as for the objectives, exploratory and descriptive research with a qualitative approach. The results attribute to the break with the ideals of capitalist society, the transformative education that provides concrete education.

**Keywords:** Capitalism. Education. School. Society.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz as questões da educação libertadora. O estudo parte da premissa que a educação deve ser socializada igualitária, gratuita, transformadora e não reprodutora de desigualdades sociais.

---

<sup>1</sup>Graduando Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Amadeus – FAMA.  
E-mail: [dayane.txr@icloud.com](mailto:dayane.txr@icloud.com).

Por um lado, o papel da escola é proporcionar educação em um ambiente coletivo para os alunos, com objetivos de formar e desenvolver os aspectos culturais, sociais e cognitivos, no entanto tem reproduzido a prática capitalista da relação social de exploração. Por outro lado, a proposta da pedagogia proletária entende a escola como lugar para discutir a realidade, viabilizar a leitura de mundo que estimule a consciência crítico-social do aluno. Nessa perspectiva, como e se as concepções da pedagogia proletária podem contribuir para a educação atual foi definido como o problema da pesquisa.

A educação é demanda social e a principal estrutura da sociedade, tornando-se uma estrutura de controle. Na concepção de que a classe dominante utiliza a educação como meio de defender os interesses da sua classe, o estudo se justifica porque a escola precisa se preocupar com a formação completa do aluno, possibilitar a educação prática, reflexiva, questionadora e libertadora, sempre voltada para a realidade do aprendiz. É preciso romper valores da classe dominante que ainda predominam na educação contemporânea, projetar uma sociedade reconstruída por meio do acesso ao conhecimento sem distinção da classe social.

Para a compreensão das relações de ensinar no espaço de uma escola em sua dimensão social e desenvolver a proposta, os autores Walter Benjamim (2017), Marx (1996; 2003), Bourdieu (1995, 2018), Lênin (1917), Freire (2011, 2017), John Dewey (1979; 1996), Sebarroja (2003), entre outros, foram utilizados no embasamento das análises.

Nessa linha, a pesquisa teve como **objetivo geral analisar as concepções da pedagogia proletária para a escola e específicos: Identificar as concepções da pedagogia concreta para a escola e; averiguar como a escola atual tem reproduzido a prática capitalista da relação social de exploração.** Para alcançar tal intento, utilizou-se o método comparativo que, segundo FACHIN (2006, p.40) “[...] consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças”. Quanto aos objetivos a pesquisa foi exploratória e descritiva para a análise, avaliação e integração da literatura publicada por meio de material impresso. Pela abordagem qualitativa realizou-se a interpretação das contribuições de estudiosos da temática. Dessa forma, pretendeu-se evidenciar a importância da reflexão na arte de educar que promova a ação crítica para a mudança social; adote concepções da educação concreta; compreenda a educação igualitária para todos, sem distinção de classes.

A reconstrução social pela educação pode ser lenta, mas importante e necessária. No entendimento de que a chave do poder está no controle da escola e na atual conjuntura educacional, não será só luta, mas também trabalho.

## **2 CONCEPÇÕES DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA NA ESCOLA**

A pedagogia proletária é concreta, desenvolve a consciência, leva a criança, que vive nessa classe, ao conhecimento por meio da educação gratuita, rompendo a idealização capitalista de usar indivíduos como elemento para mão de obra futura. Isso porque na educação capitalista não existe um plano educacional, mas sim um plano de tornar os educandos um produto para o mercado de trabalho, desse modo, a escola reproduz a prática capitalista, expropriada, que cada vez mais se priva de uma pedagogia mais humana, dificultando a aplicação de novas práticas pedagógicas.

A construção do professor enquanto líder revolucionário é fundamental para a reestruturação social, de maneira que os educadores, gestores escolares, e comunidade na qual a escola está inserida, atuem sem exploração, sem priorizar o lucro, buscando conceitos teóricos para a educação das massas.

Walter Benjamin entendia que (2009, p.122):

A pedagogia proletária não parte de duas datas abstratas, mas de uma concreta. A criança proletária nasce dentro de sua classe [...] E não é nenhuma meta educacional doutrinária que determina aquilo que essa criança deve tornar-se, mas sim a situação de classe.

A burguesia oferece migalhas de conhecimento ao proletário, porque considera a educação para o povo perigosa para a sua hegemonia. Assim sendo, para Walter Benjamin (2009, p. 167), “A educação burguesa é, por natureza, assistemática, e a proletária, sistemática; de que a educação em que se dá o enfraquecimento da autoridade é, precisamente, a educação burguesa”.

Como o capitalismo é fundamentado na divisão de classes, a educação é função da luta destas, o que torna relevante desenvolver a consciência de classe, fortalecer a comunidade operária, elevar a educação dos proletários, ser antiburguês, e, assim, lutar por uma educação que supere o ideal capitalista de apenas se importar com a produção gerada pelo trabalho.

Na concepção de Walter Benjamin (2009, p.123), “A educação apresenta-se [...] como educação revolucionária do trabalho [...] Lênin chamou de “traço mais repugnante da velha sociedade burguesa”: a dissociação entre prática e teoria”.

A educação está vinculada ao desenvolvimento da sociedade capitalista, dessa forma, como a educação que realizamos é constituída na sociedade e a educação burguesa é determinada economicamente pelo lucro, a escola educa na perspectiva da relação social de exploração, ideais da classe social dominante.

No sentido da necessária educação mais ampla é preciso expandi-la com desenvolvimento constante objetivando a transformação social. Este trabalho corrobora com o argumento de teóricos quando reiteram que a educação capitalista que temos é precária e falha, e que isso permite a manutenção do domínio burguês com mais facilidade.

Evidentemente a burguesia possui o seu sistema educacional. A desumanidade de seus conteúdos trai-se, contudo exatamente pelo fato de que estes fracassam em relação à infância mais nova. Sobre esta idade apenas o verdadeiro pode atuar de maneira produtiva. A educação proletária das crianças pequenas precisa diferenciar-se da educação burguesa em primeiro lugar, através do sistema [...] A educação proletária necessita, portanto, sob todos os aspectos, primeiramente de um contexto, um terreno objetivo no qual se educa (BENJAMIN, 2009, p. 112).

A observação é importante para a própria vida infantil e essencial para a educação, porque é a partir da observação que começa a educação, transformando toda ação em um gesto educacional. Como diz Walter Benjamin (2009, p.118), “A pedagogia proletária demonstra a sua superioridade ao garantir às crianças a realização de sua infância”. Essa educação proletária é estruturada, justamente com a consciência de classe, por isso, Walter Benjamin (2009) fala da importância de ensinar a história de classe a partir dos quatro anos de idade e depois seguir com o ensino científico.

Na educação proletária é fundamental a observação, acredita-se que é por meio da observação que se inicia a educação, pois todo gesto e ação feitos pela criança, é transformado em sinais. Por isso, é importante que o educador esteja atento aos sinais, não repreendendo e censurando a criança, mas sim, libertando-a. É preciso rever a construção pedagógica, visto que “não serve para nada um amor pedagógico que jamais é levado pela observação da vida infantil”. (BENJAMIN,2009, p.115).

## 2.1 O papel social da escola enquanto agente transformador

A educação que não transforma, não contribui para o desenvolvimento das crianças porque ela beneficia a si própria, impondo informações que modelam o conformismo nos alunos. Argumenta-se aqui que a educação é uma questão social que precisa ser mudada, mas só será possível mediante uma educação libertadora. Por isso, é de grande importância aplicar valores, liberdade, criatividade e autonomia no processo educacional. Isso significa que a liberdade da educação estende-se a todo o sistema e que a escola deve preocupar-se com a educação completa dos alunos.

É necessária uma intervenção pedagógica para que essa educação seja rompida, e o ponto de partida deve ser iniciado pelos educadores combatendo o sistema de educação vigente; produzindo reflexões que contribuam para o desenvolvimento do aluno; possibilitando um crescimento permanentemente. Educar é uma ação política e os educadores devem se posicionar para que as decisões não sejam tomadas pela classe dominante, visto que a educação é uma função social e que está ligada aos interesses da própria sociedade.

Segundo John Dewey (apud SEBARROJA, 2003, p. 51) “A educação funcional deve ser complementada por uma educação intencional, na qual a competência educativa é delegada às escolas”. Então devemos considerar uma educação significativa, que não tenha a intenção de moldar o aluno para reproduzir os interesses sociais da burguesia e sim que o fortaleça como indivíduo crítico, agente transformador nessa sociedade capitalista.

Os alunos precisam ser orientados a terem experiências que contribuam para uma reconstrução social, mediante a capacidade criativa de construir o novo, reestruturando o velho.

Na concepção de John Dewey (apud SEBARROJA, 2003, p. 51):

A escola deve consistir precisamente em um ambiente organizado no qual se fortaleçam as experiências valiosas e tornem-se possíveis, ao mesmo tempo, a continuidade das experiências dos alunos e sua contribuição para a reconstrução da sociedade.

Assim sendo, a educação é uma estrutura de poder. É a escola que pode fazer a reforma social que rompa com a educação capitalista.

A forma como o educador vai se tornando opressor e o educando um mero receptor de informações está sendo um dos geradores dessa conjuntura que impede a formação concreta do aluno, no sistema educacional. Conforme afirmado por Paulo Freire (2017, p.80), “A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. Por isso, é essencial criar uma iniciativa que modifique essa relação entre aluno e professor.

Constata-se que é importante compreender a educação nas escolas e adequar mudanças que são necessárias, onde o educador deve exercer um papel de provocador e por meio de seu conhecimento, criar desafios para os educandos. Dessa forma, operando uma intervenção no desenvolvimento e, assim, ocorrendo aprendizagem significativa na educação.

Na pedagogia, temos a tendência tecnicista que submete a educação pensada para a sociedade, sendo uma preparação de mão de obra futura, descartando o essencial que é a realidade do aluno e aplicando-se técnicas tradicionais para obter desenvolvimento econômico, produzindo e qualificando alunos para no futuro admitir esses alunos como uma distribuição na sociedade.

Atualmente, há escolas com vertentes profissionais que direcionam os alunos para o mercado de trabalho, essas instituições de ensino ofertam serviços de aprendizagens, tanto para o comércio, quanto para a indústria, com a promessa de ingresso imediato no mercado de trabalho. Educação que oferece aos alunos uma aprendizagem mecânica para suprir necessidade do sistema na nossa sociedade. Transferindo informações para prepará-los para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, desde a infância do aluno a escolarização atual é um processo de preparação para um futuro trabalho, direcionado para o aperfeiçoamento modelador de sujeitos que aceitem a dominação, não sendo seu real papel, pois o papel da escola é fornecer uma educação prática, reflexiva e questionadora. Utilizando métodos críticos que desenvolvam o intelectual do aluno e não se limite apenas a palavras e informações decoradas.

Na concepção hodierna, a escola vem transferindo conhecimentos curriculares, elaborando um conteúdo escolar que projeta no aluno a competição de bons resultados, além de apossar-se do esforço do aluno para viabilizá-la. Esse papel de valorizar o capital que a escola assumiu, adotando uma função escolar que mantém os interesses da classe dominante e enxergando os alunos como um produto sendo qualificado, tem sido destrutivo, dessa forma, afetando a educação. A

educação de aprender conteúdo específicos apenas prepara os alunos para uma determinada função na sociedade, distancia-se das múltiplas funções cidadãs, submete e limita o indivíduo enquanto ser pensante e agente de transformação social. É o entendimento que esse estudo considera como alienação do aluno.

Segundo a revista Nova Escola (2006, p.45) Karl Marx salientava que:

Combater a alienação e a desumanização, era a função social da educação. Para isso seria necessário aprender competências que são indispensáveis para a compreensão do mundo físico e social [...] O mais importante, no entanto, seria ir contra a tendência “profissionalizante”, que levava as escolas industriais a ensinar apenas o estritamente necessário para o exercício de determinada função.

É essencial que os educadores tenham a compreensão de que a educação é a principal estrutura da sociedade e que por meio da educação capitalista, a escola promove uma educação mecânica que explora os educandos, conseqüentemente influenciando a vida deles. Portanto, é fundamental uma pedagogia libertadora e que os educadores sejam contra esse sistema capitalista que não desenvolve os aspectos intelectuais, físico e técnico, que são fundamentais para a formação completa do aluno. É preciso mudar o cenário atual que não garante o pleno desenvolvimento do discente e realizar educação que estimule a autonomia de uma aprendizagem libertadora. O educador deve utilizar instrumentos que libertem, logo, o educador é um líder revolucionário.

Paulo Freire (2017, p.76) acreditava que:

Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem-alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômatos [...] não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora.

Entende-se que a escola é um ambiente transformador, mas podemos perceber que a educação está fragmentada, dessa maneira, precisamos de educandos pensantes, com consciência crítica e questionadora. Assim, resultará em libertação, não em opressão, portanto, é necessário buscar conhecimentos e reconhecer sua classe, indo contra o controle social da classe dominante.

A consciência crítica, possibilita diferentes percepções de realidades do mundo, é libertadora e permanente. “Portanto, a consciência é, em sua essência, um

caminho para algo que [...] a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa". (FREIRE, 2017, p.77).

Realizar uma educação libertadora e ativa, faz com que o indivíduo tenha uma consciência crítica. Por isso, é importante estimular uma aprendizagem ativamente significativa durante o processo de educar.

### **3 A ESCOLA ATUAL E A REPRODUÇÃO DA PRÁTICA CAPITALISTA NA RELAÇÃO SOCIAL**

Atualmente, a prática capitalista na escola tem deixado a educação abaixo dos requisitos e perspectivas esperados que os alunos tenham. Principalmente em escolas públicas encontramos alunos sem vontade de estudar, gerando assim, uma grande quantidade de desistentes e alto índice de reprovação.

Não é por falta de interesse, existem vários fatores sociais que causam a desmotivação para estudar, entre elas, temos: a falta de alimentação, a distância, a aquisição de material escolar e os conflitos familiares.

Sílvia Marques afirma que (2014, p.4):

A escola faz parte da sociedade e reproduz ou questiona as políticas dominantes de cada época. Não é possível pensar a educação sem levar em consideração as condições sociais dos indivíduos e a reprodução ou questionamentos das políticas dominantes.

A sociedade insiste na manutenção social vigente, dessa forma, enquanto a educação capitalista busca o lucro, encaminha a escola para uma educação que gere mão de obra especializada e satisfaça a classe dominante. Marx buscava a libertação por meio da educação.

Para Marx já era possível por meio da educação buscar melhores condições de vida para as classes populares. Marx via na escola uma ferramenta da classe dominante para impor as suas verdades e valores às populares. A escola piorava a situação de alienação daqueles que só podiam vender sua força de trabalho. Marx acreditava em uma escola que pudesse abrir os olhos das camadas operárias para as injustiças sociais. (MARQUES, 2014, p.11).

Não existe apenas uma educação, diversas educações são fornecidas de acordo com a classe social em que o educando está inserido, isso acontece porque o sistema capitalista fez essa separação.

A escola tem a função de ser um agente transformador, porém está perdendo sua identidade quando desenvolve a educação como instrumento de manipulação para preencher as necessidades do sistema capitalista.

Não é apenas lutar contra a exploração do capitalismo, mas também desapropriar o saber de uma única classe social. A escola não deve representar os interesses da classe dominante e muito menos deixar o conhecimento acumulado em apenas uma classe. Isso sedimenta as desigualdades sociais e consolida o poder de uma sobre a outra.

Muitos acreditam que a função da escola é dar instruções para “subir na vida”, que a educação recebida na escola é garantia da carreira profissional, por isso, enxergam a escola como uma escada para ter um bom salário. Essa reprodução de estudar para entrar no mercado do trabalho futuramente, causa:

Expectativa em relação ao que a escola pode e deve fazer e é ainda mais forte nas camadas sociais mais pobres. Para o povo, a escola é praticamente o único meio de ascensão social, de subida na vida. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade de oferecida a todos para compensar as desigualdades de dinheiro, de importância e de posição social. (CECCON; OLIVEIRA, M. e OLIVEIRA, R. 2012, p.18).

A escola segue com o papel de dar instrução para todos os alunos com o intuito de fazer com que eles consigam um bom emprego, isso é enfatizado principalmente na classe trabalhadora, onde os pais não querem que os filhos tenham o mesmo emprego. Pois, na sociedade em que vivemos, acredita-se que a falta de estudo é sinônimo de que o indivíduo sofrerá mais tarde, porque terá um trabalho inferior e difícil.

A escola tem servido a minoria e criado a ilusão que os alunos chegarão ao sucesso pelos seus próprios méritos. Mas, independentemente dos esforços e do nível de escolaridade adquirido, a classe proletária tende a continuar de graus abaixo da classe dominante, porque essa educação precária e desumana trata-se de um projeto.

Mesmo a lei afirmando que a escola é para todos, a realidade é diferente, o conhecimento sempre foi/é destinado para a minoria das pessoas. Será mesmo que a educação capitalista fornece oportunidades iguais para todos e que o sucesso depende exclusivamente da capacidade do indivíduo?

A realidade da escola desmente suas promessas de acesso igual para todos. As estatísticas sobre o resultado escolares contradizem a esperança de que a escola possa servir de escada para que todos consigam melhorar de vida [...] Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucessos, trata uns melhores do que os outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada. (CECCON; OLIVEIRA, M. e OLIVEIRA, R. 2012, p.22).

A sociedade dificulta e, às vezes, até impede que os filhos da classe trabalhadora obtenham a educação básica. SAVIANI (2012, p.3) diz: “Crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e que, portanto, já se encontram a priori marginalizadas [...] a educação é um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização”. Muitos alunos abandonam a escola, porque sentem a necessidade de trabalhar para ajudar os familiares, dessa forma, não conseguem concluir os estudos.

De acordo com Ceccon, Oliveira, M. e Oliveira, R. (2012 p.28):

A escola é feita para aqueles que não precisam trabalhar, ela faz de conta de que ninguém trabalha e coloca exigências que os que trabalham não têm tempo nem condições de cumprir. Os resultados escolares dos alunos que têm de combinar estudo com trabalho vão piorando cada vez mais, as reprovações e repetências vão se acumulando até que as crianças ou os próprios pais desistem.

Essa é a nossa atual educação nas escolas e essa prática de ensino vem sendo reproduzida cada vez mais para alimentar a desigualdade, pois é essa separação social que alimenta a sociedade capitalista.

### **3.1 O controle do poder da escola sobre a sociedade**

A educação capitalista nas escolas favoreceu a submissão, por isso, defende-se aqui a educação emancipadora, a educação como prática libertadora, só assim interromperá essa deficiência formativa. A educação é um problema político e que precisa ser compreendido, pois, a classe dominante já entendeu há tempos, que a chave do poder está no controle da escola.

A burguesia manifesta-se em defesa de uma escola igualitária para todos, porém a verdade é que a escola privada é só mais uma reprodutora de privilégios.

Ferrer i Guàrdia (apud SEBARROJA, 2003, p. 38) afirma que: “A escola paga ensinaria preservar o privilégio e aproveitar suas vantagens. Ao contrário, uma

escola para crianças pobres, pensada com a melhor das intenções, inevitavelmente ensinaria a rebeldia e o ódio de sala de aula”.

No entanto, o que se pratica é a escola usada para realizar uma educação adestradora, dessa forma, garante alunos formados para a manutenção de uma determinada sociedade. Para Bourdieu (2006, p. 61):

Em vez de ter uma função transformadora, ele reproduz e reforça as desigualdades sociais. Quando a criança começa sua aprendizagem formal, é recebida num ambiente marcado pelo caráter de classe, desde a organização pedagógica até o modo como prepara o futuro alunos.

A pedagogia da opressão nem sempre reflete as necessidades da classe a que ele pertence e até ignora a existência dela. As crianças trazem uma bagagem do ambiente em que vive. A criança da classe dominante tem o caráter de desempenho maior na sala de aula, porque foram herdados conhecimentos para carregar o legado de bem-sucedidos da família. Já a classe operária tem uma trajetória de frustração na aprendizagem, ou seja, o fracasso escolar desmotiva a família a investir no conhecimento dessa criança.

A educação vem reproduzindo o que a sociedade “necessita” e por isso, preocupa-se tanto com a manutenção social. A sociedade está dividida em classes, possuindo grupos diferentes: de um lado os integrantes da classe social que mantém a estrutura de uma sociedade igual para todos, que detém de força e são considerados dominantes; do outro lado as pessoas excluídas desse círculo, que precisam receber uma educação intensificada e são consideradas ignorantes.

Daí porque esse estudo entende como necessária a implementação da educação popular, uma educação que sirva à libertação, sendo assim, problematizadora, por isso é importante entender as críticas à sociedade capitalista e a suas propostas de educação para o trabalho, cujo perfil é de educação bancária, subordinada aos dominantes.

A escola é vista praticamente como uma estrutura social que, por meio do seu poder de controle, cumpre a função de fortalecer a dominação e reconhecer os que estão à margem da sociedade. Então, vivenciamos o ensino que se utiliza de instrumentos que possibilitem superar a ignorância dos excluídos, mesmo estando longe de ter êxito, visto que tem reproduzido uma educação precária, tornando-se um problema social e político. A escola surgiu como uma solução para a ignorância. Mas o papel escolar tem sido transmitir os conhecimentos sistematizados e

acumulados. O professor, sendo designado para essa função de transmissão. Cabe aos alunos assimilarem os conhecimentos que lhe são transmitidos.

A escola pretende resolver esse problema através das relações entre educação e sociedade, no entanto, a produção da escola na sociedade capitalista, apenas reproduz a dominação e exploração.

Essa organização escolar, determinada socialmente e fundada nesse sistema capitalista, formada em grupos sociais com interesses diferentes, não admite que há conflito de interesses de classe, porque os burgueses não veem vantagem na transformação da educação que proporcione cidadãos críticos.

Sabemos que a história contesta os interesses da classe dominante. Portanto, o grupo dominador tenta se defender, negando a história e aplicando uma educação tradicional, e a pedagogia libertadora não serve para a classe dominante, porque se aplica nela o combate à desigualdade social.

#### **4 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DOS AUTORES PESQUISADOS**

A escola deve atuar sem exploração, para isso, é necessária uma intervenção pedagógica em que haja uma educação transformadora, combatendo a desumanização no ensino, rompendo a idealização do capitalismo e desenvolvendo a consciência de classe. O quadro 1 apresenta a escola segundo os objetivos propostos pelos autores do estudo e como são nomeados pela literatura.

**Quadro 1 – A escola proposta pelos autores da pesquisa**

<b>Autores</b>	<b>Escola (objetivos)</b>	<b>Denominação na literatura</b>
Lênin (1917)	Consciência de classe	Democracia e luta de classe
Marx (1996)	Compreensão do mundo físico e social	Escola Proletária
Bourdieu (1995, 2018)	Partir do zero	Razões práticas: sobre a teoria da ação
John Dewey (1979;1996)	Reconstrução social	Pedagogias do século XX
Paulo Freire (2011, 2017)	Ambiente transformador	Pedagogia do oprimido
Walter Benjamim (2017)	Proletária	Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A educação precisa ser concreta, significativa, gratuita, com prática e teoria, utilizando a contribuição da pedagogia proletária para educação, e assim, por meio da educação chegarmos à libertação. O quadro 2 apresenta as características

educacionais que os autores propõem para o ensino na escola e como são nomeadas pela literatura.

### Quadro 2 – A educação proposta pelos autores da pesquisa

<b>Autores</b>	<b>Educação (características)</b>	<b>Denominação na literatura</b>
Lênin (1917)	Revolucionária	Democracia e luta de classe
Marx (1996)	Combate à alienação	Manifesto do partido comunista
Bourdieu (1995, 2018)	Função transformadora	Razões práticas: sobre a teoria da ação
John Dewey (1979;1996)	Intencional	Pedagogias do século XX
Paulo Freire (2011, 2017)	Libertadora	Pedagogia do oprimido
Walter Benjamim (2017)	Concreta	Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante do exposto, torna-se possível analisar a escola e a educação pensada pelos autores pesquisados da seguinte forma:

1. A escola de Lênin (1917) com o objetivo de consciência de classe desenvolverá a educação revolucionária;
2. A escola de Marx (1996; 2003) com o objetivo de compreensão do mundo físico e social desenvolverá a educação de combate à alienação;
3. A escola de Bourdieu (1995, 2018) com o objetivo de partir do zero desenvolverá a educação transformadora;
4. A escola de John Dewey (1979;1996) com o objetivo de reconstrução social desenvolverá a educação intencional;
5. A escola de Paulo Freire (2011, 2017) com o objetivo de ambiente transformador desenvolverá a educação libertadora, e;
6. A escola de Walter Benjamim (2017) com o objetivo de proletariado desenvolverá a educação concreta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade tem o poder de controlar as escolas e vem tornando os educandos em mão de obra, para suprir “necessidades” determinadas pela classe dominante e defender seus interesses. É preciso construir uma nova sociedade para

todos, fazer uma reconstrução por meio de mudanças sociais e novas condições de ensino nas escolas, evitando a reprodução do capital e a exploração dos educandos.

No entendimento que só a educação liberta e só ela pode fazer a transformação social, a educação libertadora, concreta, transforma o educando em um ser pensante, não permitindo que esta seja afetada e usada como meio de manipulação e controle.

É necessário abolir a educação capitalista, pois é precária, e só fornece interesses individuais e predominam valores da burguesia. A solução é transformar os métodos de ensino, rompendo a escola como um serviço do capitalismo, que apenas se preocupa em acumular capital, entendendo-se a real importância da educação e proporcionando formação completa dos educandos. Assim, serão formados seres críticos que lutem por uma sociedade igualitária, sem discriminação social e fazendo parte da transformação social.

A educação proletária é transformadora, desenvolve os educandos, porque se preocupa com a educação completa deles. As classes menos favorecidas são excluídas da educação concreta, por isso torna-se necessário promover essa mudança no ensino para transmutar a realidade no âmbito escolar e social.

Portanto, a escola tem que ser emancipada e libertada do capitalismo, rompendo com a injustiça social, que aumenta a competitividade na formação e afeta a capacidade dos alunos de serem protagonistas da sua própria história.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre criança, o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari, 2. ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Maria Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 2018.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy; OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **A vida na escola e a escola da vida**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DEWEY, Jonh. **Educação e democracia**: introdução à filosofia da educação. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979. (Primeira edição: 1936).

DEWEY, J. **Liberalismo, acción social y otros ensayos**. Valencia: Alfonso el Magnamico, 1996.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro| São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Democracia e luta de classe**. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2019.

MARQUES, Sílvia. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

NOVA ESCOLA. Grandes pensadores. São Paulo: Editora Abril, v.2, ed. Especial, ago. 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SEBARROJA, Jaume Carbonell (Org.). **Pedagogias do século XX**. Tradução Fátima Murad, consultoria, supervisão e revisão técnica Vânia Beatriz Monteiro da Silva. Porto Alegre, RS: Artmed Editora S.A., 2003.

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, DAYANE DOS SANTOS TEIXEIRA, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Áurea Machado de Aragão, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: A ESCOLA SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA PROLETÁRIA, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 06/ 05/ 2021.



Assinatura da aluna concluinte